



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com atletas brasileiros medalhistas olímpicos e paraolímpicos de Pequim 2008

Palácio do Planalto, 1º de outubro de 2008

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Companheiro Orlando Silva, ministro do Esporte,
Companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,
Nossa querida Maria Fernanda – fique em pé para as pessoas saberem quem é a Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal. Ficou com vergonha.

Meu caro amigo Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Meu caro Vital Severino Neto, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro,

Minha querida Maurren Maggi, representante dos atletas olímpicos,
Meu querido Antônio Tenório da Silva, representante dos atletas paraolímpicos brasileiros,

Companheiros dirigentes esportivos,
Companheiros diretores da Caixa Econômica Federal,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu tinha dito ao Orlando que não ia fazer discurso, e não vou ler o meu discurso. Vou apenas dizer algumas poucas palavras. O meu medo de não ler é porque perco a noção do tempo. Meu querido Luciano do Valle, estou vendo você aí atrás, escondido. Eu estava pedindo para o Nuzman preparar uma olimpíada da terceira idade para 2016, aí eu e José Alencar entraríamos em campo para defender as cores do Brasil.



Uma coisa fantástica, Maurren, foi a emoção de estar na abertura das Olimpíadas. Vi muitas pela televisão, mas a sensação de estar num estádio, no lugar privilegiado em que os presidentes ficaram, com um calor insuportável... e eu pensando que deveria ir com o uniforme da Seleção Brasileira e de tênis, mas como me disseram que os chineses eram todos formais, eu falei: vou chegar lá, o Hu Jintao vai estar de terno e gravata, não vai ficar bem eu de tênis. Mas, para mim, foi uma emoção extraordinária, foi uma coisa fantástica. Acho que, por conta disso, o Brasil merece fazer uma.

Uma coisa que me deixa inquieto é que quando começa a competição, tem os comentaristas sérios, responsáveis, que fazem análise das possibilidades do Brasil, dos atletas do Brasil, das condições em que nós fomos para as Olimpíadas, e fazem críticas totalmente aceitáveis. Mas tem um tipo de gente que talvez tenha passado quatro anos sem dar uma palavra sobre os nossos atletas, e quando não acontece o que ele imaginava que deveria acontecer, que seria o ouro, ele passa a fazer críticas. Passa a criticar, que não tem organização, que não tem preparação. Durante quatro anos não se lembrou dos atletas. Mas no dia em que os atletas entram para fazer a sua disputa, são quatro anos de preparação para alguns minutinhos e, às vezes, em menos de um minuto foi-se embora o sonho.

Essa é a coisa gostosa do esporte, como é a coisa gostosa da vida: a gente não sabe quando vai morrer, o que vai acontecer com a gente daqui a dois minutos. Eu só sei que está todo mundo com fome aqui. Eu acho que essa é a coisa gostosa do esporte. Todo mundo gostaria de trazer ouro, seria importante que todo mundo pudesse ganhar ouro. Fico pensando como alguém pode ganhar de nós, se nós temos praias melhores do que os americanos, no vôlei de praia? Não sei se a areia deles é tão boa quanto a nossa, mas...

O dado concreto é que eu não consigo misturar a minha vinculação com o esporte com o meu cargo de presidente da República. Quando chego em casa, Nuzman, que tem um jogo de futebol... Antigamente eu era fanático por



boxe, depois fui ficando velho, comecei a achar que era muita violência, e fui parando. Só não vejo briga de galo porque é proibido, mas qualquer coisa que tiver de esporte, à meia-noite, à uma hora da manhã... Quando chego em casa, tenho um trato com a Marisa: não levo os meus problemas políticos para dentro de casa. Eu sou torcedor do Corinthians, em São Paulo; do Vasco, no Rio de Janeiro; do Náutico, em Pernambuco; do Cruzeiro, em Minas Gerais. Tenho amigos que torcem para outros times, e talvez eu seja o único político que não tem vergonha de dizer para que time torce. Tem políticos que não falam o nome com medo de perder votos dos outros times.

Vocês viram que eu fiz uma crítica à Seleção Brasileira masculina que foi às Olimpíadas. Vocês são todos muito jovens. O que as pessoas esperam de um atleta é que ele faça aquilo que está ao seu alcance. Ninguém pode exigir o sobrenatural, não é isso? Vocês se preparam, chegam lá, vão correr, vão nadar, vão jogar vôlei. Podem ser os melhores naquele dia, mas podem não ser. Os outros podem estar com sorte, e nem por isso diminui o valor das pessoas. No esporte, o insuportável para quem está torcendo é perceber que as pessoas que estão disputando não estão suando a camisa. Isso é uma coisa que nem vocês, quando viram torcedores, aceitam.

Eu acho que as nossas meninas do futebol perderem aquela medalha... se bem que a gente poderia ter perdido, no finalzinho, quando uma americana pegou a bola sozinha e a nossa goleira pegou, aos 90 minutos. Ali a gente já poderia ter perdido. Mas o fato de o Brasil ganhar a de prata, não diminui nenhuma atleta brasileira. Por exemplo, eu vi o Diego. Todo mundo sabia que o Diego podia ganhar a medalha de ouro, mas ele caiu quando não deveria. Paciência, meu Deus do céu, faz parte do esporte, e nem por isso ele é menor. Estou lembrado de quando a Daiane foi pular, na última prova, e pisou duas vezes fora do espaço. Ela treinou durante quatro anos, se preparou, sabia que não podia pisar fora, mas pisou, acima da nossa vontade, da vontade da torcida, acima da vontade dela. Nós somos seres humanos e nem sempre as



coisas acontecem como a gente deseja.

Eu queria dizer para vocês que a gente precisa entender aqueles que acham que o País deve ser valorizado pela quantidade de medalhas de ouro. É lógico que é importante ganhar muitas medalhas de ouro, é lógico que ver o Cielo ganhar a medalha de ouro é importante, mas se ele não ganhasse não seria menor porque não ganhou. O importante, para nós do governo, é saber que um atleta, quando vai para uma Olimpíada, sai para pegar o avião sabendo o seguinte: “eu me preparei, tive recursos, tive condições de me preparar e vou lá em igualdade de condições”. Se ele foi assim e não ganhou, é do esporte. Duro é se a gente tiver um atleta que saia daqui falando: “não tive um bom técnico, não tive dinheiro para fazer meus treinamentos normais, não pude me preparar melhor”. Se ele sai assim, aí é uma derrota do governo, do País, do COB e de todo mundo ligado ao esporte. Acho que é importante a gente cuidar para que não aconteça, porque o Brasil está se oferecendo e disputando para ser sede das Olimpíadas de 2016, e nós precisamos garantir que os nossos atletas que vão passar por todos os testes no estado – tem medição para tudo – cheguem nas Olimpíadas com 100% de condições de disputar qualquer medalha. Esse é um compromisso, Orlando, que...

Eu penso no que aconteceu com a Maurren, em Atenas. Você sabe que a vida também ensina quando a gente vai ao fundo do poço e depois chega em cima outra vez. Eu já fui ao fundo do poço tantas vezes que se não soubesse nadar, teria morrido afogado. Lá no Nordeste, os poços têm pouca água, então eu não conseguia... É extremamente importante porque eu acho que a sua grande medalha foi dar a volta por cima, essa foi a sua grande medalha. Quando a gente não faz as coisas certas, tem até amigos que já não são mais tão amigos. Sabe aquele amigo que só sobe um degrau, dois degraus com você, e pára no terceiro?

Na vida, a gente vai construindo... eu sei o tanto que fizeram para prejudicar aquele nosso companheiro da natação, o Clodoaldo. Não sei se ele



está aí. Mudaram-no até de categoria, achando que ele não era... Ver um companheiro de São Bernardo do Campo ganhar tantas medalhas de ouro assim

Quero dizer para vocês o seguinte, meu caro Orlando e meu caro Nuzman: tenho mais dois anos e dois meses de governo. Estou convencido de que nós ainda não fazemos o que precisa ser feito para garantir que o Brasil participe das Olimpíadas em igualdade de condições. Não estou exigindo que a gente traga mais medalhas de ouro, de prata ou de bronze. Gostaria de ter todas, mas como é esporte, também tem gente que quer competir e ganhar de nós. Nós temos é que preparar as delegações brasileiras e os atletas brasileiros naquilo que for possível e no melhor que a gente puder fazer.

Orlando, eu queria que você, o Nuzman e outros dirigentes, que envolvesse uma delegação de atletas... é importante que eles participem para dizer quais são as deficiências que eles vêm no dia-a-dia da prática desportiva deles, para começar o próximo ano com a apresentação de uma proposta para que a gente se torne mais importante nas Olimpíadas, para que a gente tenha atletas em melhores condições, para que a gente possa dar 100% daquilo que tem que dar a um atleta para ele, se perder, não culpar ninguém, e dizer: “apareceu alguém melhor do que eu, então fica para outra vez”. Então, eu gostaria que você, o Nuzman e o pessoal se preparassem para me entregar... primeiro, a participação da iniciativa privada.

Quero confessar, Nuzman, que um dia, às 8 horas da noite, eu estava em minha sala vendo, acho que um replay de uma disputa, e eu tinha uma audiência com um empresário. Por incrível que pareça, esse empresário se sentou, assistiu dois minutos comigo, e falou o seguinte: “Presidente, eu acho que nós, empresários, temos que assumir a responsabilidade com o País. Eu acho que cada empresário poderia adotar um grupo de atletas e cuidar para que eles tivessem todas as condições possíveis de disputar todas as disputas que têm no mundo do esporte, e voltarem como vencedores ou, pelo menos,



representarem o nome do Brasil”.

Quero, Orlando, me comprometer – por isso vim falar – com você, com o Nuzman, que vocês montem um esquema, uma proposta, e me disponho, com vocês, a juntar os 50, os 100, os 150 maiores empresários deste país e ver o que estamos fazendo. Ver se a Caixa Econômica, os Correios, o Banco do Brasil, já estão fazendo tudo o que podem para os nossos paraolímpicos disputarem com dignidade. O Vital, certamente, vai fazer parte da delegação que vai construir essa proposta. Ver se os Correios estão dando o que tem que dar, se a Eletrobrás está dando o que tem que dar, se outras empresas estão dando aquilo que precisam dar, para que a gente depois não fique chorando: tive três, quatro, cinco medalhas de ouro.

O importante é a gente saber que sai daqui com uma delegação cada vez maior, cada vez mais preparada, cada vez mais disputando novas modalidades. O que não é justo é um atleta não treinar porque não comeu as calorias e as proteínas necessárias ao corpo humano, é um atleta não treinar porque não tem técnico. O duro é um atleta não se especializar porque não tivemos condições de fazer a melhor piscina, a mais adequada, ou mandá-lo treinar em outro lugar. Se quisermos nos transformar numa potência olímpica, quero dizer para vocês: isso precisa, não de gasto, mas de investimento para que neste país, cada vez mais, todos tenham orgulho de ser brasileiros, e todos tenham muito orgulho de entrar num estádio, como vi vocês entrarem lá no estádio de Pequim. Se trouxerem medalha de ouro, ótimo. A Maurren poderia me dar a dela porque sua filha queria que ela ganhasse a de prata, então vou ver se faço uma de prata para tomar essa aí dela.

De todo o coração, fiz questão de dar uma entrevista no dia em que terminaram as Olimpíadas para dizer que o Brasil foi bem razoável nas Olimpíadas, porque eu já tinha ouvido falar de pedido de CPI, de investigação sobre para onde foi o dinheiro. Quando a gente não ganha 100%, aparecem os heróis de última hora querendo encontrar culpados. Eu acho que os culpados



somos todos nós, 190 milhões de brasileiros, que estamos aprendendo agora que levar muitos atletas para uma Olimpíada ou para uma Paraolimpíada é motivo de orgulho para um país. O fato de vocês entrarem com essa camisa verde e amarela, a não sei quantos mil quilômetros de distância, com 11 horas de fuso horário, e eu estar lá assistindo, vocês não imaginam a emoção que passam. Eu, que sou um bobalhão, que fico emocionado a cada vez que estou viajando e ouço o Hino Nacional, fico imaginando vocês, quando sobem no pódio e ouvem o Hino Nacional. Deve ser uma coisa mais do que legal, uma coisa importante.

Quero ver se a gente faz a lição de casa. Da minha parte, companheiro Nuzman, companheiro Orlando, companheiro Vital, da parte do José Alencar, eu quero que vocês (inaudível) vou repetir: tenho dois anos e dois meses de mandato, e a gente tem que aproveitar. Nesses dois anos dá para fazer muita coisa, porque temos Londres em 2012 e, se Deus quiser, teremos o Rio de Janeiro em 2016.

Portanto, um forte abraço, que Deus abençoe cada um de vocês, que a Maria Fernanda continue apoiando os paraolímpicos, as nossas ginastas e que a gente possa ganhar, não mais medalhas, mas mais orgulho de sermos brasileiros.

Um abraço.

(\$211A)